

# De novo a guerra do algodão

Ramos Miguel

Dum. 19/4/98

O Governo, empresas e associações de camponeses, reúnem-se na próxima semana, em Maputo, para debater a polémica questão do preço do algodão que, no mercado internacional, está a registar a maior queda dos últimos anos. Entidades do sector admitem mesmo que isso terá consequências graves no país, que após a guerra apostou no relançamento desta cultura.

O director do Instituto do Algodão de Moçambique, IAM, Erasmo Muhate, disse em primeira mão ao jornal *domingo*, que dada a gravidade da situação, o Ministro da Agricultura e Pescas mandou convocar representantes das associações de camponeses das províncias de Nampula e Cabo Delgado para, juntamente com empresas algodoeiras, discutirem a proposta do preço a pagar aos produtos do algodão do sector camponês, na presente época agrícola.

O IAM tem estado em negociações com as empresas

algodoeiras, entre as quais a Lomaco e a Sodan, mas a proposta a ser apresentada à Comissão Nacional de Salários e Preços, para aprovação, só será tomada no encontro de quarta-feira, nas instalações do Instituto do Algodão de Moçambique.

Tudo indica que nesta campanha, o preço há-de baixar, mesmo na casa dos dois ponto qualquer coisa - frisou Muhate.

Já o ano passado, quando se pagava um pouco mais de três mil meticais/quilo, os camponeses reclamavam, porque o negócio não era rentável.

No encontro de quarta-feira vão ser analisados todos os factores que determinam a queda do preço do algodão no mercado mundial, que actualmente anda à volta de 64 centimos a libra/peso - aproximadamente meio quiló.

## AS CAUSAS DA QUEDA DO PREÇO

Apontam-se como sendo as principais causas da que-

da do preço do algodão a actual crise asiática e o facto de ter baixado o preço do petróleo, que neste momento se estima em cerca de 14 dólares/barril.

O ponto é que os derivados de petróleo são a base dos tecidos sintéticos, cujos preços também baixaram com a queda do de petróleo.

Por outro lado, na América, a maior produtora mundial do algodão os preços de milho e soja baixaram drasticamente, fazendo com que os agricultores se dediquem mais à cultura do algodão, que é mais rentável.

Penso que vamos atravessar uns dois ou três anos maus em termos de preços do algodão em Moçambique, afirmou ainda Erasmo Muhate.

Para Moçambique, o problema torna-se ainda muito mais grave pelo facto de quase toda a produção de algodão se destinar à exportação, já que a indústria consumidora praticamente não funciona, ou fá-lo a meio gás.

Só a reabilitação da indústria têxtil nacional pode evitar que o país se torne vulnerável à flutuações externas, e parece que isso não está para breve.

Muhate referiu que em Inhambane relançamos o algodão quando o preço estava bom, e chegámos mesmo a pagar cerca de quatro mil meticais/quilo, mas este ano vamos ter que baixar, e isso vai ser uma pancada muito forte para o produtor que não está habituado a estas flutuações do preço, salientou.

Vamos ter que dizer ao camponês para se habituar a estas situações, para que quando o preço do algodão não estiver bem no mercado internacional possa fazer milho e tabaco, por exemplo, voltando a fazer algodão quando o preço for aceitável, quer dizer o nosso camponês tem que começar a adaptar-se à economia de mercado - concluiu o director do Instituto do Algodão de Moçambique. **d**